

ILSE LOSA

A FLOR AZUL E OUTRAS HISTÓRIAS

Ilustrações de MARIO BONITO



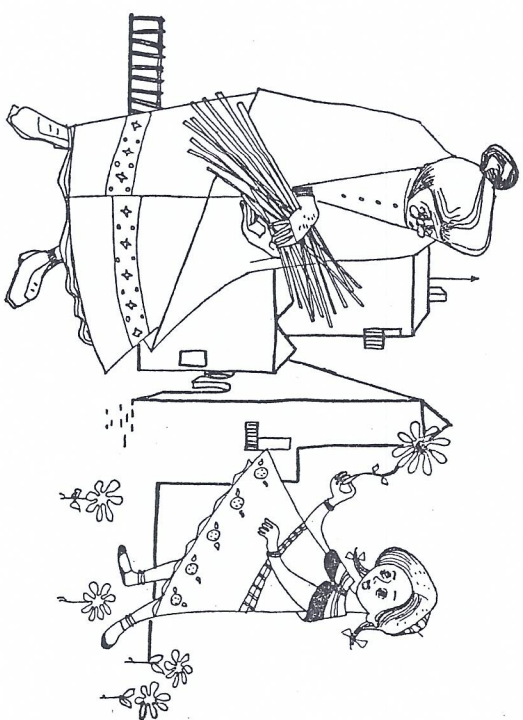
LIVRARIA FIGUEIRINHAS — PORTO

TIP. NUNES
R. José Falcão, 57
Porto

VOLUMES PUBLICADOS

- 1—*Aventuras da Carochinha Japonesa*, por Emilia de Sousa Costa.
- 2—*Aventuras do Barão de Munchausen, (o Barão Aventureiro)*, adaptação de Henrique Marques Júnior.
- 3—*O Vale Mágico*, por E. Keary, e *Velhos Contos Escandinavos*.
- 4—*Jack, o Matador do Gigante, e outros contos*, por Grimm.
- 5—*A Águia Encantada*, por Maria Pinto Figueirinhas, e outros contos.
- 6—*O Moinho do Diabo e outros contos*, por Andersen.
- 7—*Toni*, por Romeu Pimenta.
- 8—*Jornito Africanista*, por Emilia de Sousa Costa.
- 9—*Nasceu uma Princesinha*, por Maria de Figueiredo.
- 10—*A Lâmpada de Aladino e outros contos orientais*.
- 11—*Era uma vez...*, por Marta de Mesquita da Câmara.
- 12—*Festa do Galo*, por Isaura Correia Santos.
- 13—*A Flor Azul*, por Ilse Losa.
- 14—*As Sete Virtudes*, por Odette de Saint-Maurice.
- 15—*Canteiro dos meus Amores*, por Marta de Mesquita da Câmara.
- 16—*A Princesinha dos Cabelos de Ouro*, por Maria de Figueiredo.

PARA SILVIA, ANGELA,
MARIA HELENA E RUI



NUMA rua muito estreita, onde o sol só conseguia entrar nos dias de grande calor, vivia a Sr.^a Emília, que era uma mulher de limpeza em casas ricas e saía todas as manhãs cedo, para o trabalho. Tinha já os seus setenta anos e cabelos completamente brancos. Andava também um tanto curvada.

Toda a gente, naquela rua, gostava da Sr.^a Emília, por ela ser mulher boa e por mostrar sempre cara alegre, embora fosse bem pobre e trabalhasse demais para a idade que tinha. Nunca se dava ao descanso, pois o ganho mal chegava para poder pagar o aluguer do seu quarto e as outras despesas da vida. Assim, ainda trabalhava como se fosse uma mulher nova.

A Sr.^a Emília gostava muito das crianças e nunca passava por elas sem lhes dirigir alguma palavra e, não raras vezes, trazia-lhes, na sua saquinha de chita, pedacinhos de bolo que as freguesas lhe davam. As pessoas amigas da rua costumavam perguntar à Sr.^a Emília, quando a viam passar:

— Então, Sr.^a Emília, como vai a vida?

E ela respondia:

— Menos mal, menos mal.

— Coitada da velhinha — diziam depois —, não sei como se consegue aguentar.

*
* *

Aconteceu que naquela rua morava também Maria Ana, uma menina pequena, que ainda não andava na escola. Vivia com sua mãe, num terceiro andar. O pai morrera e, por isso, a mãe tinha de ir trabalhar todo o dia, justamente como a Sr.^a Emília. Não limpava casas mas ia coser bainhas e pregar botões numa fábrica de malhas. Ganhava pouco e não podia comprar coisas boas para Maria Ana, como era seu desejo.

Um dia Maria Ana estava a brincar com pedrinhas — pois não tinha outros brinquedos — em frente do prédio onde morava. Era domingo e um dia de calor, de modo que o sol chegava a entrar na rua, o que a tornava mais airosa. Maria Ana viu a Sr.^a Emília aproximar-se e perguntou-lhe:

— Então, Sr.^a Emília, como vai a vida?

— Menos mal, menos mal, minha menina.

Parou e olhou para as pedrinhas com que Maria Ana se entretinha. Perguntou:

— Maria Ana, já viste como o dia está lindo?

— Já, Sr.^a Emília. A minha mãe até disse que hoje era domingo a valer.

— E tem razão. Vou aproveitar para ir ao pinhal apanhar caruma para o meu fogão. Queres vir comigo?

Maria Ana nunca fora ao pinhal. Sôzinha, não sabia o caminho, e a mãe não tinha tempo para dar passeios; nos dias de semana ia à fábrica, e aproveitava os domingos para remendar roupas.

— Vou ver se a minha mãe me deixar ir, disse Maria Ana. — E, num instante, subiu as escadas.

— Mãe! A Sr.^a Emília quer levar-me ao pinhal. Deixas-me ir?

A mãe deixou e, daí a uns momentos, a Sr.^a Emília e Maria Ana caminhavam lado a lado. Passaram a ponte e Maria Ana admirou os barquinhos no rio. Subiram depois um monte e quando chegaram ao cimo viram o rio lá em baixo. Os barquinhos, assim ao longe, pareciam brinquedos. Seguiram caminho por um atalho entre o milho. Já havia espigas, embrulhadas em folhas verdes, donde saíam longos fios.

— Parecem barbas — disse Maria Ana.

Chegaram ao pinhal. Maria Ana, ao ver os pinheiros altos e esguios bateu palmas de alegria:

— Como é lindo aqui!

A Sr.^a Emília não tinha tempo para admirações. Começou a apanhar caruma, que ia juntando num montinho. Maria Ana quis ajudar, mas a boa velhinha disse:

— És ainda pequenina, Maria Ana, e eu trouxe-te para brincar à tua vontade.

Então Maria Ana correu, saltou e até se reboiou no chão, de satisfeita. Ao brincar assim, tão contente, reparou numa manchazita azul. Curiosa, aproximou-se. Viu uma flor, azul como o céu. O sol, ao entrar pelas clareiras das árvores, regava-a com a sua luz dourada, o que lhe dava um brilho especial.

Sr.^a Emília! Sr.^a Emília! Venha cá ver!

A Sr.^a Emília veio e exclamou:

— É mesmo uma flor dum dia de sol!

Maria Ana ajoelhou-se para cortar a flor azul.

Mas a Sr.^a Emília zangou-se:

— Não faças isso! Cortar uma flor tão linda! Queres que murche num instante e que não possa dar mais prazer a ninguém!?

Maria Ana quase ia chorando.

— Mas, Sr.^a Emília, então não vê? Eu queria levar a flor à mãe. Ficava contente, não acha?

A velhinha ficou pensativa. E daí a bocado disse:

— Tens razão. A tua mãe ficava contente com uma flor tão bonita. Mas não a cortes, vamos levá-la com raiz, para que não murche.

*
* *

As duas, a Sr.^a Emília e a Maria Ana, enter-
raram as mãos na terra e soltaram um grande torrão
que continha a raiz da planta.

Quando o Sol se pôs, longe, no horizonte, ver-
melho como o fogo, a Sr.^a Emília e Maria Ana iam
no regresso para casa. A velhinha carregava o aven-
tal cheio de caruma e Maria Ana levava na mão,
com grande cuidado, o torrão de terra com a flor
azul.

A mãe ficou contentíssima. Plantou a flor numa
latinha, que colocou junto da janela, para que rece-
besse luz.

No ano seguinte, a Sr.^a Emília adoeceu. Não
pôde sair e teve de ficar de cama. Toda a gente
da rua lamentava:

— Coitadinha da Sr.^a Emília!

Levavam-lhe comida, pois, como não podia
agora trabalhar, não ganhava dinheiro para comprar
fosse o que fosse.

Nessa mesma altura uma flor azul novamente
florescia na janela de Maria Ana, e a mãe
propôs:

— Minha filha, vá, leva a latinha com a flor à
Sr.^a Emília. Ela assim lembra-se do pinhal e dos
campos de milho.

Maria Ana levou a flor à velha amiga e colo-
cou-lha numa mesinha, ao lado da cama. A Sr.^a Emí-
lia, agora muito pálida e com os olhos cansados, agra-
deceu-lhe e disse:

— Como é tão linda esta flor! Faz-me julgar
que estou nos campos e no pinhal e lembra-me o céu
azul e os raios de sol.

Poucos dias depois, a Sr.^a Emília morreu. Todos
os amigos da rua choravam.

— Agora já não passava a velhinha com o
saquinho de chita onde trazia pedacinhos de bolo
para as crianças. Já não se lhe ouviam as palavras
amáveis. Mas Maria Ana tinha junto da janela a
latinha com a planta, que cada ano dava nova flor,
dum azul brilhante. E compreendeu então que as

boas pessoas, mesmo quando morrem, não são esquecidas, porque nos fica delas a lição e a bondade que nos deram enquanto foram vivas.



A PONTE